

KARL JASPERS: A VARIEDADE HUMANA E O DESTINO COMUM DOS HOMENS, FUNDAMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

KARL JASPERS: THE HUMAN VARIETY AND THE COMMON DESTINY TO MEN, BASES TO INCLUSIVE PHILOSOPHY EDUCATION

José Mauricio de Carvalho¹

Thaís Caroline Reis de Ávila²

Édna Rogéria Durães Queiroz³

RESUMO:

Karl Jaspers foi médico psiquiatra e filósofo, notabilizando-se nas duas áreas primeiro como professor na Universidade de Heidelberg e depois na Universidade da Basileia. Quando examinamos o seu pensamento, tanto as contribuições para a Psicologia quanto para a Filosofia, enxergamos uma reflexão que contribui para fundamentar práticas psicoterapêuticas e educativas. A meditação de Jaspers aponta para uma humanidade comum, mas pensada a partir das diferenças que há entre os homens. Temos, portanto, as bases de uma humanidade comum e da singularidade pessoal, resguardando a dignidade e os direitos, mas respeitando aquilo que nos faz diferentes. Em outras palavras, o que diferencia os homens não justifica a discriminação e a violência como ocorreu no nazismo, mas o contrário. Esse artigo ao olhar para esses aspectos mostra que o legado de Jaspers oferece fundamentos para pensar uma educação para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Existência; Humanidade; Transtornos; Educação; Fundamentos.

ABSTRACT:

Karl Jaspers was a psychiatric doctor and a philosopher, distinguished in both areas first as a professor at the University of Heidelberg and after at the University of Basileia. When we exam his thoughts, both contributions to the Physiology and to the Philosophy we can view a reflection which contributes to ground psychotherapist practices and educational. Jaspers meditation points to common humanity, thought from the differences that re between the human being. So, we have, the bases of a common humanity and the personal singularity, sheltering the dignity and the rights, but respecting what makes us different. In other words, what differs the human being does not justify the discrimination and the violence as it happened during the Nazism, but the opposite. This article a it views these aspects, shows that Jaspers legacies offer elements to think about an education or everyone.

KEYWORDS: Existence; Humanity; Disorders; Education; Elements.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, graduado em Pedagogia, em Filosofia e em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Professor do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0631305118814377>.

² Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9358819266208207>.

³ Graduada em Administração pela Faculdade de Viçosa e graduanda em Direito pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4672623855731548>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

01 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para fundamentar a educação, J.C. Figueiredo entende que é preciso interpretar o nosso tempo e o seu modo de pensar. Ele avalia que o modo de pensar de nosso tempo possui três elementos estruturantes (1976, p. 167): “o criticismo kantiano, que estabelece a distinção entre a realidade e a interpretação da realidade; o desenvolvimento das ciências particulares, que tomam a experiência como ponto de partida do conhecimento; a experiência histórica, que conduz à visão do processo contínuo do conhecimento”. As reflexões sobre conhecimento, experiência e história que tipificam nossos dias acabaram sintetizados pelos autores da fenomenologia existencial, dos quais o médico e filósofo Karl Jaspers é um dos mais notáveis representantes. Além das questões teóricas que interpretam a vida, mencionadas por Figueiredo também é preciso olhar para as mudanças na vida mesma⁴.

Karl Jaspers defende que os homens têm um destino comum. Esse destino é o que os torna próximos ou companheiros de caminhada. E, em nome dessa realidade, ele se coloca contra o nazismo e sua política de segregação, representada pela tese da superioridade racial e da exclusão dos diferentes. O

⁴ Uma síntese dos problemas de nossos dias encontra-se na introdução do livro *Ortega y Gasset e o nosso tempo* (2016, p. 18): O século XX ainda desperta muito interesse hoje em dia porque foi marcado por uma crise de cultura que, assim parece, ainda persiste nos seus elementos essenciais. A crise de cultura a que nos referimos começou a se consolidar quando explodiu a I Guerra Mundial, em 1914. Ela trouxe perdas e mudanças em todos os campos da existência: desarticulou a economia, mudou a organização da família, modificou a vida nos espaços públicos pela forte presença das massas, transformou o liberalismo conservador e aristocrático pela presença crescente do Estado na vida social. Foram muitas as mudanças. Terminada a I Grande Guerra, as dificuldades persistiram com a crise econômica de 1929, que levou à queda da produção mundial em quarenta por cento e do comércio internacional em sessenta. O resultado foi o aumento da pobreza, a desconfiança no sistema liberal e o revanchismo e inconformismo dos derrotados, levando à II Grande Guerra. No leste da Europa a Revolução Soviética procurou resolver as diferenças sociais e a pobreza com a uniformização da sociedade e planificação econômica. Parecia estar-se iniciando uma experiência importante a favor da justiça social, mas agora que sabemos o que se passou, entendemos o terror de tudo aquilo. A revolução soviética expandiu-se para nações vizinhas da Rússia, espalhou-se o terror e o medo da opressão militar, o domínio político eliminou as expressões de independência do espírito. Depois veio a Guerra Fria e banuiu-se, no mundo socialista, a liberdade do espaço público. Toda essa brutalidade não produziu o que propunha: criar uma sociedade próspera e justa. Nas últimas décadas, extinta a União Soviética, descobriu-se todo o horror que a dominação produziu. Nas nações ocidentais o caminho foi diverso, mas não sem dificuldades. O antagonismo dos povos mostrado nas Grandes Guerras foi transportado para o interior dos Estados e se manifestou com: intolerância racial, guerra civil na Espanha, disputas de classes, a ideia de raça superior trazendo desespero e insensibilidade ante os diferentes. Enfim, democracias sem liberalismo produziram governos fortes, ditatoriais, com partido único e inimigos da liberdade pessoal.

filósofo entende que a superação das discriminações exige a construção de uma nova mentalidade que viria pela afirmação de valores capazes de combater a exclusão e o afastamento do diferente, no âmbito social e pedagógico. A tese da superioridade racial, diferença sexual ou de credo não podem ser usadas para segregar, diria Jaspers. Isso nos permite concluir que também a diferença de inteligência não pode dividir as pessoas.

Além disso, parece ao médico filósofo fundamental trabalhar para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, democracia que desde o século passado se tornou um dos valores do ocidente. Esse ideal é ainda um dos maiores desafios de nosso tempo: construir sociedades democráticas e sem discriminação. Um projeto pedagógico inclusivo é parte desse ideal. Estabelecer elementos de igualdade entre os homens e edificar uma sociedade capaz de assegurar que todos aproveitem seus benefícios é tarefa difícil. E esse desafio se torna mais complexo quando as diferenças sociais entre ricos e pobres aumenta ou permanece grande, como aumenta a distância e o nível de desenvolvimento entre os povos mais e menos desenvolvidos do planeta.

E como o mundo de hoje se estabeleceu? Estamos num mundo em que se globalizam os processos produtivos, mas as diferenças socioeconômicas entre as nações permanecem. Nesse ambiente, paradoxalmente, ganham destaque os ideais democráticos e de inclusão. Eles vêm na esteira dos direitos humanos, das portarias da ONU e das decisões políticas de diversos Estados nacionais em favor da educação inclusiva. A Declaração de Salamanca e o Art. 208 da Constituição Brasileira são partes desse processo global. Está se consolidando a ideia de que apesar das diferenças sociais é necessário avançar em direção a uma sociedade socialmente menos desigual. Desigual não apenas economicamente, mas uma sociedade onde todos tenham direitos básicos iguais como o de ir e vir, de frequentar lugares públicos e de ir à mesma escola. Nessa sociedade democrática os homens necessitam de uma formação intelectual que lhes permita além das competências técnicas superar preconceitos, pensar democraticamente e responder aos desafios do tempo em que vivem. Desse modo, no interior das sociedades livres e liberais será necessário levar adiante um movimento que persiga esse ideal, já que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

a edificação de uma sociedade mais igualitária pelo viés marxista mostrou-se historicamente difícil.

Um dos instrumentos eficazes para fazer prosperar o ideal democrático é implementar práticas educativas que contribuam para superar preconceitos e incluir pessoas com dificuldades especiais. E esse desafio mostra sua complexidade quando entendemos que uma educação inclusiva deve ser parte de uma educação de qualidade e de uma sociedade preocupada em integrar pessoas com dificuldades.

Quando estudamos o pensamento de Karl Jaspers, nos seus componentes psicológico e filosófico, enxergamos uma reflexão que contribui para a fundamentar e estruturar uma educação inclusiva. A meditação de Jaspers aponta para uma humanidade comum, pensada a partir das diferenças, isto é, Jaspers pensa que mesmo sendo diferentes os homens possuem uma humanidade comum que os aproximam. Essas análises contemplam a liberdade política e as diferenças pessoais em meios a valores profundos de humanização. Ao considerarmos esses elementos estaremos identificando as bases teóricas da democracia e de um humanismo que propõe uma maior igualdade entre os homens, mesmo os reconhecendo diferentes. Nesse artigo vamos mostrar como as teses de Karl Jaspers contribuem para construir uma educação especial. Uma filosofia para justificar a educação inclusiva precisa ser construída sobre argumentos consistentes, capazes de mover o sistema educacional.

02 – PENSANDO AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS E A HUMANIDADE COMUM

Pensar uma humanidade comum, ou mesmo uma sociedade em que as pessoas possam aproveitar as conquistas da civilização sem exclusão, não significa desconhecer as diferenças entre os indivíduos significa oferecer oportunidades dos diferentes conviverem. Para isso é necessário considerar ações sociais capazes de promover a realização psicossocial dos indivíduos, mesmo dos portadores de dificuldades especiais e distúrbios de aprendizagem ou psicossociais. Nas palavras de Vitor da Fonseca uma educação inclusiva é (1987, p. 85): “um valor constitucional que em si deve consubstanciar a aceitação da diferença humana”.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Esse projeto pede um ensino diferenciado, o que não se fará sem objetivos e processos pensados para cada situação. Enfim, quanto mais pensamos sobre esse desafio, mais importante é explicar as diferenças sem excluir os diferentes, pois como diz o próprio Vitor da Fonseca a inclusão deverá: “respeitar a diversidade cultural e social, e em paralelo a unidade da pessoa humana” (*Ibidem*). Só uma justificativa consistente da inclusão é capaz de impedir que a identificação das diferenças sirva para segregar. O desafio de educar juntas as crianças em classes comuns pede argumentos a favor da inclusão. Para esse desafio é que nos parece importante recuperar as contribuições de Jaspers para tratar a humanidade comum dos diferentes. O desafio a enfrentar é considerar as diferenças um desafio para melhorar o desempenho escolar de todos, cada qual respondendo como pode, sem democratizar as carências ou fragilidades. É, nesse sentido, que as análises de Jaspers podem ajudar.

Jaspers afirma no Tratado de *Psicopatologia Geral* que a desigualdade entre os homens começa no biológico, somos diferentes uns dos outros. O corpo dos homens é parecido, mas diferente, ele diz (1979, v. II, p. 748): “A desigualdade dos seres humanos tem fundamento biológico: os homens são diferentes conforme o sexo, conforme a razão ou conforme a constituição”. Essa explicação nos coloca diante da possibilidade de examinar as diferenças sem excluir. Desigualdade não significa inferioridade, dizer que há pessoas desiguais quanto ao sexo, por exemplo, não significa dizer que um sexo seja superior ao outro em dignidade, direitos, etc. Além disso, se as diferenças, não importa quais, podem ser constadas pela ciência ou pela observação comum, caso dos níveis de inteligência maior ou menor, a noção de humanidade comum, que ampara o reconhecimento da dignidade ou as bases de uma educação especial somente é apreensível como ideia. Jaspers assim o diz:

A ideia de uma totalidade (metodologicamente subjetiva) que nos conduz, a fim de apreender o eidos (com que deparamos objetivamente) na construção da unidade corpo-alma, como sendo o todo estrutural de uma essencialidade substancial, todo em que estão contidos e modificados os diversos fatores individuais (*Ibidem*).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Trazendo essa explicação para o campo psicopedagógico, isso significa que uma fragilidade intelectual, física ou emocional ou “certos hormônios sexuais, com seus efeitos fisiológicos e morfológicos e o que tiver sido achado (nos estudos) não será totalidade; isto (...) continua sempre no limite da análise causal”. Estando no espaço do observável a diferença pode ser submetida à análise casual e, portanto, pode ser estudada cientificamente, como fazem médicos e psicólogos quando consideram o corpo e a alma humanos. Ao proceder aos diagnósticos esses profissionais ajudam a ação psicopedagógica.

O que Jaspers quer dizer é que o conhecimento possível de ser obtido com os métodos usados pela ciência comprova e revela as diferenças entre as pessoas, mas a humanidade comum, que é uma ideia, essa nasce da reflexão e é nela que se reconhece a igualdade de direitos e os ideais democráticos de nosso tempo concretizados em valores e leis. Essa ideia geral não chega a ser um saber definitivo ou conclusivo ficando no espaço da meditação filosófica, que pode ser continuamente repensada e reconstruída conforme avançam os estudos científicos sobre as diferenças. O problema foi sinteticamente apresentado no capítulo IV da *Introdução ao pensamento filosófico* como se segue (Jaspers, 1993, p. 48):

Nem o homem, nem qualquer dos homens sabe o que é na realidade, quando se reconhece amparado por esse fundamento sobre o qual nada pode. Todo conhecimento que o homem tem de si mesmo diz respeito a fenômenos, a suas condições e potencialidades. O homem não se identifica a qualquer desses aspectos, porém os incorpora ao longo da jornada que o leva a si mesmo.

As diferenças observadas pela ciência sobre sexo, constituição ou raça, nível de inteligência, estrutura de pensamento, transtornos e deficiências são particulares, isto é, um indivíduo não pode ser tudo ao mesmo tempo, conforme a classificação que a ciência faz dele, ele é uma coisa ou outra, mais ou menos inteligente, mais ou menos afetivo, mais ou menos sociável. E essas diferenças que identificam os homens concretamente não excluem a pessoa da humanidade comum e ajudam a pessoa a viver melhor respeitando aquilo que ela é. É o que sugere que os homens devam ser tratados segundo sua singularidade, nas escolas e hospitais, mas sem perder a dignidade comum ou a possibilidade de acessar os benefícios e convívio social em cada tempo histórico. Identificar as diferenças que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

caracterizam os indivíduos é importante para planejar o processo de ensino. “Quintiliano (35-95 d.C.), célebre orador romano, já sobre o assunto afirmava: os aprendizes têm características diferentes, da mesma forma, os professores deverão adequar os seus métodos de ensino” (FONSECA, 1987, p. 87).

Na Medicina é mais fácil que na Educação estabelecer padrões comuns de normalidade, porque os mecanismos fisiológicos funcionam de forma parecida, ainda assim é preciso estar atento às individualidades porque um número relativo à glicose no sangue significará coisa diferente em pessoas diferentes e vivendo situações diversas. Na educação a atenção à singularidade do educando é ainda mais importante porque é preciso planejar o ensino para pessoas diferentes e algumas com dificuldades especiais. Essas dificuldades não se limitam à falta de inteligência, como observa Marcos Mazotta em *Fundamentos da Educação especial*. Há educandos especiais por desvios físicos (1997, p. 35): “deficientes físicos não sensoriais, deficientes físicos sensoriais, deficientes auditivos, deficientes visuais”. Também se inclui como crianças especiais aquelas com dificuldades psicossociais: “alunos com distúrbios emocionais, alunos com desajustes sociais” (*Ibidem*). Há ainda alunos que reúnem mais de uma dificuldade. Os problemas associados ao planejamento pedagógico foram comentados por Mazzota como se segue (1997, p. 33):

No processo educativo, a situação do diagnóstico, é, porém, mais complexa, já que uma grande variedade de fatores entra no jogo, pois tanto no processo de aprendizagem, quando na adaptação escolar e ajustamento pessoal do aluno podem ser apontados fatores de ordem interna, físicos, emocionais e emocionais e de ordem externa, diretamente ligados ao meio ambiente escolar e extraescolar. Assim o conceito diagnóstico em educação, ampliou-se no sentido de acompanhar os objetivos educacionais, sempre voltados para o processo de desenvolvimento integral da personalidade do aluno.

A contribuição de Jaspers para o trabalho médico, psicológico ou pedagógico, com o esclarecimento da singularidade do aluno foi examinada, como se segue, em *Introdução à filosofia clínica e Filosofia Aplicada; avaliações e fundamentações* (Carvalho, 2014, p. 86):

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

No livro *Filosofia Clínica e Humanismo* examina-se o assunto procurando entender os aspectos do humanismo presente na Filosofia Clínica. Há muitas formas de humanismo, mas ao justificá-lo no sofrimento do homem e na urgência para tratá-lo, nota-se uma correspondência com o que propõe Karl Jaspers quando se refere ao cuidado que o terapeuta precisa ter com quem sofre. Jaspers investiga o papel das situações-limite na existência; entre as quais a morte e o sofrimento, e então ele nos adverte “para a necessidade de carinho e atenção para com os que sofrem” (p. 21). Este é o primeiro dos pilares que orienta a prática da Filosofia Clínica: o cuidado com quem sofre. No entanto, há mais a ser considerado. A Filosofia Clínica trata a cada ser humano de modo especial devido ao uso singular de sua liberdade. Isto iguala todos os indivíduos. Ela reconhece um *ethos* de humanidade considera o destino comum dos homens, nascido da liberdade e do uso comum da racionalidade. É o que também entende Karl Jaspers, ao afirmar em *O médico na era da técnica* a existência como singular jornada comprometida com a responsabilidade compartilhada. Tal responsabilidade “pressupõe que o médico e o doente vivam ambos na maturidade da razão e da humanidade (p. 9).

O processo pedagógico, psicológico ou médico enfrentam ainda uma outra dificuldade. A questão não se limita à descoberta da individualidade pela ciência e do reconhecimento das teses sobre a totalidade elaboradas no âmbito moral, filosófico e depois jurídico. Existe um tipo outro de totalidade que se mostra nos indivíduos e essa a ciência precisa considerar. Há sempre dificuldade em tratar as pessoas porque a singularidade concreta não deixa de ser ela própria uma totalidade. Ainda que em outro sentido do que foi dito antes, mas uma unidade que deve ser considerada no processo educacional. Jaspers explica (1979, v. II, p. 750):

Sexo e a constituição são em geral humanos; o que lhes corresponde deve-se encontrar em todas as raças; o que é constituição tem de aparecer nos dois sexos. Surgem, contudo, dificuldades quando se quer fazer uma separação absoluta, porque sexo, constituição e raça, são sempre no indivíduo um todo biológico.

As tentativas de captar a unidade biológica foram muito comuns na Psicologia e Medicina na primeira metade do século passado. Algumas dessas tentativas se tornaram famosas como a do Médico Ernst Kretschmer. Ele dividia os homens conforme o tipo físico: astênico ou leptossômico, que é o tipo linear e magro; atlético, o musculoso e com ossos largos e pícnico, aquele que é gordo e baixo. Adicionalmente o psicólogo correlacionou estatisticamente esses tipos físicos com os transtornos de personalidade. Os maníaco-depressivos eram, em grande maioria, pícnicos e os esquizofrênicos eram, em grande parte, astênicos. Dessa classificação Sheldon derivou uma escala mais detalhada dividindo os homens em:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

viscerotônicos (pessoas comunicativas e sociáveis), cerebrotônicos (indivíduos próximos aos astênicos, introvertidos, inibidos, solitários), ectomorfos (pessoas magras e frágeis), endomorfos (próximo ao pícnico) e somatômicos (quem é firme, comunicativo, corajoso). Os tipos físicos foram construídos reunindo comportamentos prevalentes. O psicanalista Carl Gustav Jung também construiu uma tipologia, considerando as atitudes fundamentais das pessoas conforme elas fossem mais fechadas ou mais sociáveis, resumem Hall e Lindzey (1973, p. 104): “A atitude extrovertida dirige a personalidade para o exterior e para o mundo objetivo, a atitude introvertida orienta o indivíduo para dentro e para o mundo subjetivo”.

Jaspers critica essas formas de construir a totalidade singular dos caracteres físicos e psicológicos, unidade que ele estuda na eidologia. Ele explica (1979, v. II, p. 751): “A eidologia serve-se da tipologia de modo a atingir, indiretamente, as entidades em que pensa. Enquanto as tipologias constituem construções, a eidologia visa os pontos de orientação substancial em relação à realidade”. Igualmente rejeita a correlação entre as tipologias, comportamentos e transtornos. Sobre essa maneira de construir a unidade, Jaspers observa: “Todos os tipos são possíveis em cada homem. Cada homem é potencialmente, o todo, com acentuação, hierarquia desenvolvimento e degeneração, que varia ao infinito de homem para homem” (*Ibidem*) e quando à correlação afirma: “Como as correlações estatísticas entre testes individuais e achados individuais (...) não significando vínculo necessário, e como são quase sempre de pouca força descobrem-se subordinações, as quais estão sempre se dissolvendo” (*Idem*, p. 753). Essa forma de totalidade que individualiza os homens precisa ser trabalhada de outra forma.

03 – APROFUNDANDO AS DIFERENÇAS

Para construir um caminho para chegar à singularidade humana, partindo da totalidade constitutiva dos indivíduos, Jaspers fez um estudo detalhado da diferenciação sexual e a considerou um artifício da natureza para multiplicar os tipos de indivíduos existentes, o que não ocorre na reprodução assexuada. Explica que embora as crianças nasçam com um sexo, o corpo delas começa a diferenciar-se mais claramente com o funcionamento das glândulas no início da puberdade. Do

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

mesmo modo que fisicamente o corpo manifesta os cromossomos presentes na carga genética, o desenvolvimento biológico passa por processos de desenvolvimento e mudanças, a puberdade na juventude, o climatério e velhice no final da vida. O comportamento sexual, por sua vez não depende apenas da maturidade fisiológica, ele é marcado pela educação e por outros fatores ambientais, assim: “A morfologia e a fisiologia dos órgãos sexuais não esgota, por conseguinte a sexualidade. A psicologia do impulso sexual e de suas consequências não esgota a psicologia da vida sexualmente polar” (JASPERS, 1979, v. II, p. 757). Os fatores sociais com decorrência psicológica modificam o comportamento, assim tanto o ser humano reúne características masculinas e femininas de modo geral, como ser humano com corpo masculino pode assumir uma identidade feminina e vice-versa.

Explicada a diferença entre os sexos, Jaspers se vale de uma orientação psicanalítica para considerar o impacto psicológico da sexualidade. No entanto, interpreta do modo próprio esse impacto, separando o comportamento sexual propriamente dito do instinto de prazer (libido). Para Freud, libido “é o termo usado na teoria dos instintos, para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade” (CUNHA, 1978, p. 116). E ainda mais: “a libido participa de cada manifestação instintiva, mas nem tudo nessa manifestação é libido” (*Ibidem*). Jaspers assim se refere ao conceito de Freud: “Libido, seja o que for, como impulso somático ao prazer e ao estado de prazer que se relacione com contatos cutâneos, existe desde o lactente até a morte. Mas o instinto sexual é produzido especificamente pelos hormônios das glândulas germinais” (JASPERS, 1979, v. II, p. 758). Ele ainda esclarece que a libido pode ser excitada tanto pelo funcionamento das glândulas ou do sistema nervoso quanto por elementos exclusivamente psicológicos. Se a história de vida faz com que a direção do instinto dependa das experiências e pensamentos e varia de indivíduo para indivíduo, o instinto faz com que a vivência sexual de homens e mulheres seja diferente. O amadurecimento fisiológico também é diverso, enquanto nas mulheres o climatério é mais datado, o homem permanece, até próximo da velhice, com a possibilidade de engravidar mulheres jovens. O que foi dito mostra que a fisiologia, a morfologia, o ambiente, a educação, os fatores psicológicos atuam em cada pessoa formando uma totalidade. No entanto, essa

totalidade não serve para tratar a humanidade comum a que pertencem todos os homens, ela mostra um indivíduo singular que tem um modo próprio de lidar com os problemas da vida. É na verdade uma unidade. Ele explica:

A unidade de corpo e alma, que, quanto ao mais, é quase sempre problema para sua meditação, apresenta-se, aqui, sob o aspecto de destino que o apreende, mas que também é por ele sempre apreendido, mais importante e decisivo ainda do que mesmo uma doença que o modifique (id., p. 759).

Há diversas alterações no instinto sexual cujas causas são complexas e não se resumem a perturbações físicas. A castração, por exemplo, quando ocorre em indivíduos muito jovens impede o desenvolvimento das características físicas do seu sexo, mas se ocorrer na idade adulta as características já desenvolvidas se conservam. Levarão a diminuição da libido, mas não propriamente à perversão. Perversão é o nome dado ao desvio do impulso ou comportamento sexual para objetos não usuais cuja origem é resultado de fatos da história de vida do sujeito. Jaspers a explica do mesmo modo que Sigmund Freud⁵. 2 Ele diz (id., p. 763): “Freud afirmou a possibilidade de a libido transformar-se em impulsos e comportamentos aparentemente sem sentido algum, bem como sustentou haver conexões entre a perversão e conduta existencial”. Dessa última realidade mencionou o fato do sujeito com fixação anal, por exemplo, tornar-se “pedante, ordeiro, econômico, obstinado e obsessivamente asseado” (*ibidem*).

A masturbação ou homossexualidade que nasçam da ausência de parceiro do sexo oposto, Jaspers avalia como comportamentos sem claro sentido patológico. No caso da homossexualidade em situação social normal, sua origem é psicológica e tem aspectos mais importantes. Jaspers recusa a hipótese de uma espécie de sexualidade primária que poderia se desenvolver em pessoas fisicamente de outro sexo e que orientasse as escolhas sexuais. A demonstração da força psicológica se percebe com a falta de alteração do padrão homossexual, mesmo nos indivíduos que recebem os hormônios do seu sexo biológico.

⁵ No ensaio *Uma teoria sexual*, parcialmente transcrito no *Dicionário dos termos de psicanálise de Freud* lê-se o que Freud entendia por perversão. São dois os sentidos em que emprega o termo: “1. Transgressões anatômicas das regiões corporais destinadas à união sexual ou 2. Um retardamento nas relações intermediárias com o objeto sexual, que deveriam ser normalmente ultrapassadas rapidamente, em curso para a finalidade sexual definida” (CUNHA, 1978, p. 153).

04 – A CONSTITUIÇÃO

O conceito de constituição formulado por Jaspers é importante no processo educativo já que sistematiza o todo individual que singulariza a existência do homem. Essa realidade é importante ser reconhecida no processo educativo, pois o educando é um todo. E essa realidade psíquica, ou potencialidade e limites intelectuais, formam uma unidade em um corpo que pode ter ou não fragilidades. E ao planejar o processo educativo é preciso ter em vista aquela distinção feita por Jaspers: “Quando se acredita haver apreendido um todo de fenômenos somáticos e psíquicos em sua estrutura, é apenas um todo que se apreende, e não o todo, o qual parece retroceder para mais longe quanto mais se penetra e quanto mais decisivamente se quisera apreendê-lo” (id., p. 767).

Ao considerar o processo educativo parece importante observar que o educando não é nem certa inteligência, maior ou menor, nem uma realidade psíquica, nem um corpo com ou sem limitações, mas uma vida singular. “Esta unidade baseia-se no inconsciente, donde influi sobre todas as funções corpóreas e sobre a complexão psíquica” (*Ibidem*). E se consideramos as funções psíquicas sabemos que o resultado da avaliação da inteligência ou dos transtornos sociais incluem uma quantidade de operações intelectuais que somam: “a consciência do eu, os atos, os objetivos conscientes e inconscientes, as formações configurativas da criação, que compõem a unidade” (id., p. 768). E assim pensada como unidade, cada consciência tem certa capacidade intelectual, polaridades e contradições, “antinomias de forças, impulsos, direções e objetivos” (*Ibidem*). Esse conjunto de elementos psíquicos, incluído o processo educativo a que estiver submetido, forma um todo e esse todo se modifica todo o tempo. Daí a enorme importância da educação já que ela pode transformar o que cada homem é ajudando a organizar um novo todo a cada momento em que altera o nível de conhecimento. E as variações presentes nessas totalidades quanto à inteligência ou estado emocional mudam o comportamento que o sujeito manifesta no grupo social. Nesse sentido, qualquer procedimento de classificação da inteligência só faz sentido para a educação inclusiva se ajudar a promover o rendimento máximo do educando, relativizando, em contrapartida, a classificação que proporciona.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

O processo educacional transforma as pessoas de tal forma que mesmo nos casos em que um transtorno emocional, por sua gravidade, promove um rompimento completo com a realidade, mesmos nesses casos extremos, nota-se a diferença entre aqueles que passaram pelo processo educacional regular e os que não passaram. Explica Jaspers (id., p. 773): “Sabemos também que todas as psicoses são diferentes conforme o meio cultural e a esfera em que a pessoa vive. É o que se nota até nas psicoses orgânicas mais graves, como nos casos de Maupassant e Nietzsche”.

Quanto ao processo intelectual de compreensão do mundo, como o mundo me parece, e os problemas daí derivados, é diretamente afetado pelo processo educativo. O conhecimento do mundo mostra que somente realidades particulares podem ser cognoscíveis. No entanto, o processo intelectual mesmo, as imagens, sistemas intelectuais utilizados, não significam propriamente conhecimento.

05 – RAÇAS

Já tivemos oportunidade de indicar que Jaspers se refere à raça não pela diferença entre o tônus vital de diferentes grupos, muito menos para indicar a superioridade intelectual entre os grupos humanos, apenas se refere a diversidade biológica dos seres humanos resultado do processo de evolução da espécie. Ele diz:

Raça é uma peculiaridade humana que se marca pela criação fatural, mas inintencional, através de longos anos, dando traços básicos à sua essência eventual total, isso da maneira mais fácil de apreender quando se alinham as diversidades mais acentuadas: brancos, mongóis e negros (JASPERS, 1978, v. II, p. 806).

Por sua vez, as diferenças biológicas entre os grupos não revelam a existência de pessoas com deficiências de aprendizagem mais significativamente em um grupo do que noutro. Também não se observa diferença significativa entre os tipos de transtornos observados num grupo ou outro.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Ensina a observação que todas as doenças orgânicas cerebrais – como a paralisia geral – são universais, além disso, as esquizofrenias, a epilepsia e a psicose maníaco depressiva ocorrem em toda parte. Se se trata de disposições hereditárias próprias à humanidade inteira, ou de disposições hereditárias adquiridas por força de mutações, aparecendo em toda a parte de maneira igual não se sabe. Se há doenças mentais que surgiram em qualquer parte, historicamente, por força das mutações e, depois, se difundiram geneticamente também não se sabe” (JASPERS, 1976, v. II, p. 807).

O certo, para Jaspers, é que a humanidade é uma única espécie, com problemas e dificuldades intelectuais e emocionais distribuídos entre os homens e isso deve ser considerado nos processos educacionais. Além disso, as raças são fruto de misturas entre famílias no seu interior e entre elas, mesmo que um dia tenham vivido relativamente separadas umas das outras. Ele diz: “as raças numa população mista e toda população histórica é população mista, isso só pode significar que tais raças terão existido, algum dia autônomas antes de se misturarem” (id., p. 806).

Finalmente, dentro das mesmas raças, encontram-se correlações significativas para problemas emocionais devido a fatores culturais. Ele explica “Assim, por exemplo, chama a atenção a tendência dos suábios para os distúrbios afetivos, diz-se também que os povos germânicos tendem mais para a melancolia que os eslavos e latinos”. Todas essas observações servem para desqualificar qualquer teoria sobre a superioridade ou pureza étnica.

06 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto fundamental dessa análise de Jaspers é sua defesa da singularidade existencial que permite olhar cada pessoa e cada educando como realidade única, uma totalidade composta de dimensões: física, psíquica e espiritual, mas que pensada em si mesma é singular se comparada com as outras pessoas. Nas palavras de Jaspers: “tudo o que se conhece mais não é do que particularidade em relação ao todo, jamais o próprio todo”.

Outro aspecto fundamental considerado é que nosso pensador considera que o processo educativo e o desenvolvimento intelectual afetam a realidade das pessoas de tal forma que mesmo nos transtornos esquizofrênicos, quando o homem

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 01 Páginas 01-16
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

mergulhando em delírios afasta-se do real, deixa ver os resultados do processo educativo⁶.

Com base nisso concorda com Max Schmidt que critica as tipologias e recusa todas as classificações tipológicas não porque elas não informem sobre as pessoas, mas porque foram construídas com a pretensão de servirem de suporte e explicarem a personalidade. Afirma: “E tem razão Max Schmidt quando opina servirem os tipos como conceito de trabalho e como ilustração, mesmo não sendo sínteses fundadas, em absoluto” (id., p. 788).

07 – REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Mauricio de. Resenha de *Genio y Locura*. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, 229: 97-104, jan. /mar. 2008.

_____. Ortega y Gasset e a Filosofia Clínica. In: CARVALHO, J.M., PACKTER, L e RASTROJO, J. B. *Introdução à filosofia clínica: avaliações e fundamentações*. São Paulo, Filoczar, 2014.

_____. *Ortega y Gasset e nosso tempo*. São Paulo, Filoczar, 2016.

CUNHA, Jurema Alcides. *Dicionário dos termos de psicanálise de Freud*. Porto Alegre, Globo, 1978.

⁶ No livro *Genio y Locura*, Karl Jaspers desenvolve amplamente a ideia de que a formação intelectual e a criação genial de alguns homens não pode ser explicada pela esquizofrenia, mas que seu talento e inteligência decorreram do processo educacional a que foram submetidos e que esses elementos se manifestam nos sintomas dos transtornos. No resumo da obra publicado por um dos autores na Revista Brasileira de Filosofia pode ler: “A visão de mundo do escritor se altera, na avaliação de Jaspers, do seguinte modo, jovem é: “ateu, materialista e seguidor do positivismo, para terminar – bem é verdade por motivos estritamente vinculados a sua esquizofrenia – em um misticismo teosófico” (p. 130). O que dá forma às suas ideias da juventude é a filosofia de Nietzsche, especialmente a crítica ao cristianismo e a adesão ao niilismo que ele aos poucos abandona por conta da conversão ao catolicismo. Nunca foi praticante, mas morreu católico e foi enterrado com a Bíblia. Quanto à sua produção artística, Jaspers observa que nos períodos de crise intensa, entre 1892 e 1897 ele não escreveu nenhuma obra, apenas recolheu material que seria usado posteriormente. Diz Jaspers: “Se quisermos formular brevemente a relação que se pode existir entre a esquizofrenia de Strindberg por um lado, suas criações literárias e sua atitude ante a vida, de outro, haveríamos de dizer que a importância da enfermidade fica reduzida, em essência, ao fato de que proporciona algum material de que nutre seu labor artístico e seu conceito das coisas” (p. 165). Strindberg morreu em 1912 de câncer no estômago, não ficando dúvidas de que era esquizofrênico” (CARVALHO, 2008, p. 101-102).

FIGUEIREDO, J. C. *Fundamentos históricos e filosóficos da educação*. Belo Horizonte, Júpiter, 1976.

FONSECA, Vitor da. *Educação Especial*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

HALL, Calvin e LINDZEY, Gardner. *Teorias da personalidade*. São Paulo, EPU, 1973.

JASPERS, Karl. *Psicopatologia Geral*. 2 v., Rio de Janeiro, Atheneu, 1979.

_____. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9 ed. São Paulo, Cultrix, 1993.

MAZOTTA, Marcos José da Silveira. *Fundamentos da educação especial*. 2ª reimpressão. São Paulo, Pioneira, 1997.